

DADOS DE 2005 - 2015 - SUSEP - SES

Por Luiz Roberto Castiglione

INTRODUÇÃO

Como estamos acompanhando desde 2014 a situação econômica do País vem se deteriorando ao longo dos meses, inclusive com projeções extremamente negativas para 2015 e 2016 e com impactos ainda em 2017. O problema é que não é somente a crise fiscal mas uma acirrada disputa política em busca dos culpados de terem levado o País a essa situação desconfortável. Com certeza esse jogo de vaidades, mentiras e troca de acusações está atingindo em cheio quem nada tem haver com a disputa pelo poder – o povo.

Ora, está claro que erros foram cometidos, alguns para manter a Economia Interna funcionando outros visando a manutenção do poder pelo atual partido político. Tivemos de tudo, desde fraudes gigantescas (em vários locais e não somente na Petrobrás), descumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal, descontrole orçamentário e má aplicação dos recursos públicos. E no momento temos a caça as bruxas e o País passou a ser um detalhe.

Não estou defendendo partido político algum, mesmo porque na minha opinião deveríamos acabar com todos e começar do zero. O PT não vai resolver nada sem aumentar impostos, o PSDB também iria adotar medidas amargas e os partidos que sobram (inclusive o PMDB – o maior partido do País) são, no momento, meros coadjuvantes. É importante aceitar que a casa caiu e não tem jeito. Querendo ou não vem mais impostos e para tal o PT já comprou o PMDB (novamente) para garantir os tais Ajustes Fiscais.

Infelizmente, a maioria dos políticos não possui a mínima qualificação, seja de que partido for (com raras exceções – basta assistir os programas do senado e câmara dos deputados). A quantidade de bobagens que falam é impressionante! É o antigo ditado: “ cada povo tem o governo que merece”. Lamentavelmente, esse povo não consegue se libertar das amarras que a política impinge a séculos. A EDUCAÇÃO É DADA EM CONTA GOTAS. Creio seja importante destacar alguns fatos, apenas para registro de quem um dia vir a ler esse estudo:

Temos então:

- => Inflação ascendente em 2015 e com pequena queda para 2016 e 2017;
- => Reflexos na Operação Lava a Jato (e impactos de outras);
- => Taxa de Juros elevada sem previsão concreta de declínio;
- => Taxa de câmbio volátil;
- => PIB negativo para 2015 e 2016. Para 2017 dúvidas;
- => Aumento de Impostos – CPMF;
- => Grande possibilidade de crises para reajustes salariais – greves generalizadas;
- => Dúvidas acerca das novas metas do orçamento para 2016 com superávit ínfimo.

Bom, temos outros itens, mas os mais relevantes foram acima listados. Ocorre que o principal ponto está relacionado com a CREDIBILIDADE e isso está difícil de renascer. Afora isso temos a continuidade da ausência de diálogo entre o PT e o PSDB. Volto a lembrar que essa pequenez dos líderes desses partidos estão acabando com a Economia e pior com o POVO.

Por incrível que pareça o Mercado Brasileiro de Seguros e Previdência vêm mantendo (por enquanto) números favoráveis. É óbvio que essa lambança que temos hoje na Economia (e seus reflexos futuros) afetaram, principalmente no que tange as vendas. Como poderemos observar o País mantém uma estrutura de vendas massificada e representando nesses últimos 10 anos a uma participação de 80%. Esse é um dos motivos para o baixo crescimento do Mercado Interno de Resseguros. Nos grandes riscos somente após a inserção do Governo como grande investidor (fato

que no momento inexistia) e por fim os demais riscos com participação média de 10% nesses últimos 10 anos.

O Mercado num passado não muito distante usava os ganhos financeiros oriundos das aplicações financeiras vinculadas as Provisões Técnicas e do fluxo de caixa operacional para *financiar* a operação propriamente dita. Tínhamos então Prejuízo Industrial (Prêmios – Custos Operacionais e Administrativos) que era absorvido pelo Resultado Financeiro, possibilitando com isso um Lucro Operacional. Na época a inflação e a taxa de juros eram elevadíssimas. Vale lembrar que até a política comercial (descontos) considerava o floating dos recursos.

Ora, veio a queda da inflação e com ela a redução da taxa de juros. O País começava um novo ciclo de estabilidade econômica e com isso o Mercado de Seguros teve que se ajustar a uma realidade sem ganhos financeiros elevados. Bom, a operação propriamente dita teria que passar a ser equilibrada, ou seja, receita = custo. Foi uma luta para conseguir esse ajuste e o último Prejuízo Industrial foi registrado em 2005.

Muito se fez para mudar o foco dos resultados:

- => Melhoria nos controles de aceitação;
- => Melhoria na avaliação da regulação e liquidação de sinistros e aperto no controle de fraudes;
- => Foco em rentabilidade e não mais (somente) em quantidade de negócios;
- => Lançamento de novos produtos;
- => Abertura do Mercado de Resseguro possibilitando novos contratos de diluição de riscos – novos produtos de seguro;
- => Acompanhamento rigoroso de custos fixos;
- => Equilíbrio entre despesas comerciais e sinistralidade (análise de resultados – contas / contratos);
- => Expansão dos produtos financeiros VGBL e PGBL;
- => Expansão dos segmentos de seguro saúde e planos de saúde;
- => Rigorosa legislação sobre Margem de Solvência.

Podemos observar uma preocupação de diversos articulistas acerca do não crescimento dos prêmios, ou seja, nos acostumamos com variações de dois dígitos sem incluir o VGBL e agora estamos vendo que de fato temos queda real de vendas (variação nominal descontada a inflação). Ora, nada mais normal do isso considerando o cenário econômico que estamos passando. Estranho é ver o VGBL / PGBL se manter com crescimentos vigorosos. Creio que seja momentâneo e decorrente de transferências de aplicações com rentabilidades menos favoráveis daquelas que o VGBL / PGBL pode oferecer. No ano passado o crescimento do segmento sem o VGBL / PGBL foi quase nulo e no momento – Jan a Agosto / 2015 – temos um crescimento de 5,81% sobre o ano passado (inferior a inflação). Para o fechamento de 2015 esperamos um crescimento de 4,15% sem os produtos financeiros citados. Com o VGBL poderemos ter um crescimento de 12,50%.

Ora, com uma perspectiva de queda do PIB de 3% até que o Mercado vem correspondendo de uma forma favorável. Os principais produtos do mercado estão relacionados com os segmentos de Automóvel, Vida em Grupo, Acidentes Pessoais, Prestamista, Extensão de Garantia, Habitacional, Residencial e DPVAT. Esses representam 75% dos prêmios totais do Mercado (sem o VGBL). Todos sofreram baixas relevantes, seja pela queda da produção, redução da concessão de crédito, queda de investimentos, aperto do orçamento das famílias (aumento da inflação) e o medo do desemprego (já em elevação constante). Esse conjunto irá apresentar um crescimento em 2015 perante ao ano passado de 3,28% representado por uma média reajustes salariais, manutenção de parte dos investimentos em habitação e aumento de preços localizados.

Ocorre que como já foi dito anteriormente, o Mercado aprendeu a gerar resultados industriais positivos ficando o resultado financeiro como ganho adicional. Aqui está o grande sucesso e a competência do segmento. A partir de 2005 o Mercado não apresentou mais *Combined Ratio* negativa, ou superior a 100%. De lá para cá vem melhorando esse indicador. É verdade que se a Economia não apresentar uma reversão poderemos ter problemas, uma vez que toda a precificação

do passado foi feita considerando uma determinada massa crítica e se a queda desta for constante e relevante poderemos ter desequilíbrios e aumentos relevantes de preços /tarifas.

Esse estudo detalha diversos pontos importantes que demonstram que o Mercado AINDA ESTÁ BEM. As rentabilidades (mesmo com alguma distorção) são elevadas. Foi em função de pertencer ao segmento financeiro (liderado pelos bancos) que a CSSL passou de 15% para 20%. Lamentavelmente, os políticos que defenderam essa elevação não tem a mínima ideia do que é seguro, pensam que funcionam igual a um banco!

O Sistema Bancário simplesmente repassa na taxa de juros e quem paga? Ai vem a estória de que o banco pode perder cliente, mas os políticos se esquecem que o grande ganho dos bancos vem da rolagem da dívida que eles mesmos construíram ao longo dos anos! E para piorar ainda aumentam a taxa básica de juros! Já na seguradora ela tem uma equação de preços, onde o risco futuro é o principal componente. Qualquer aumento de tributo terá que ter uma redução de custos ou aumento de preços. Esse último no segmento de seguros é relevante porque a seguradora perde segurados para a concorrência. Possui diferenças do sistema bancário. É claro que o lucro será maior devido ao aumento da taxa de juros uma vez que grande parte dos ativos financeiros vinculados as Provisões Técnicas são títulos do governo.

Passo a apresentar os números.

[Leia a análise na íntegra](#)

Fonte: Castiglione Consultoria Empresarial, em 15.10.2015.